

Entrevista

Entrevista com Dra. Zoia Prestes

Resumo: Esta entrevista foi realizada por Giselle Silva Machado de Vasconcelos¹, Márcia Buss Simão² e Sonia Cristina Lima Fernandes³ com Zoia Prestes que é professora da Universidade Federal Fluminense, estudiosa da obra de Vigotski que tem se dedicado a traduzir as obras deste autor diretamente do russo para o português. A entrevista aborda questões sobre as contribuições de Vigotski para a educação infantil como também as problemáticas em relação às traduções sobre a obra deste autor no Brasil.

Abstract: This interview was conducted by Mrs Giselle Vasconcelos, Mrs Márcia Simão Buss and Mrs Sonia Cristina Lima Fernandes with Mrs Zoia Prestes, a teacher from the Fluminense Federal University, student of Vygotsky's work that has been devoted to translating his works directly from Russian to Portuguese. The interview addresses questions about the contributions of Vygotsky to children education as well as issues regarding translations about his works in Brazil.

Palavras chaves: Vigotski, tradução, educação infantil e desenvolvimento.

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFSC. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN). Supervisora da rede municipal de educação de Florianópolis.

2 Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN).

3 Mestre em Educação e Diretora da Educação Infantil da rede municipal de educação de Florianópolis.

I - Desde a sua tese, intitulada: “Quando não é quase a mesma coisa” você chama a atenção sobre as traduções, ou seja, para aquilo que são “detalhes” aos olhos dos tradutores, mas que fazem muita diferença para aquilo que o autor na sua língua materna quer dizer. Já na introdução da tese, há o chamado de atenção sobre o seu nome: Zoia, com o “ô” fechado na sua sonoridade, alertando-nos para uma identidade que se torna invisível quando oralmente lhe denominam Zoia com o “o” aberto, como se tivesse um acento agudo. Gostaríamos de saber mais sobre o que você pensa sobre identidade e tradução.

Meu nome Russo foi dado porque meus pais são comunistas, meu pai era comunista, minha mãe ainda é, ela esta viva, tem 84 anos. Então em função disso eu ganhei um nome de uma guerrilheira soviética que explodiu um depósito de armas na segunda guerra mundial quando os alemães (os nazistas) se aproximavam de Moscou. Ela tinha 18 anos e foi morta enforcada. O nome dela era Zoia e o codinome era Tânia, então quando a minha mãe estava grávida ela leu esta história e decidiu que se nascesse menina iria dar o nome de Zoia. Que é Zoia do jeito que os russos pronunciam, com o “o” fechado. Eu faço essa correção na minha tese em relação a sonoridade do meu nome, muito em função também porque tem uma tendência no nosso país na questão da tradução de seguir muito a transliteração (o jeito de traduzir) da norma inglesa principalmente. Eu vou dar um exemplo muito recente e que me incomodou profundamente: a cidade onde ocorreram os jogos olímpicos de inverno, o nome da cidade se pronuncia “sothi” essa letrinha russa que tem o som de “thi” na transliteração inglesa fica só com “ch” e os ingleses vão pronunciar desta forma. Só que no português o “ch” tem o som de “x”. A gente fala “chuva”, “chá”, etc. Então, como é que os nossos jornalistas, nossos locutores de TV pronunciavam só porque a transliteração era inglesa? “Sochi”! Que era totalmente equivocado na pronuncia. Ou seja, o Brasil se quer adota uma transliteração própria para o seu idioma, para que as pessoas no mínimo, minimamente possam, para que os brasileiros possam ter uma pronuncia mais correta das palavras, pelo menos daquelas palavras que não existem traduções, que são nomes próprios. Isso eu defendo para a língua nas traduções. Uma coisa que eu

não defendo é você acentuar nome Russo, isso eu trato na minha tese, porque a gente tem que acentuar nome russo? Só porque o brasileiro não vai saber pronunciar? Mas a língua inglesa também é uma língua sem acentuação, que não leva acento, mas quando a gente traduz algo em inglês, quando a gente traz estas palavras para o português não se coloca acento para o brasileiro saber acentuar. Há pouco tempo me pediram também para eu fazer uma apresentação lá no meu departamento que eu hoje trabalho, então assim, é impossível falar hoje da minha trajetória sem eu falar do meu trabalho de tradução, ele me constitui. Estas duas línguas: o português e o russo, elas me constituem. Elas constituem minha identidade. Eu me considero uma pessoa bilíngue, sou fluente nas duas línguas. Da mesma forma que estou falando agora em português se uma pessoa entrar aqui e falar comigo em russo começarei imediatamente a falar russo com esta pessoa. Não tenho nenhuma dificuldade sobre isso. Eu brinco que eu não sei qual é a minha primeira língua porque eu aprendi primeiro a falar em português, mas a escrever e ler primeiro em russo, então são duas línguas e duas culturas das quais eu convivo, com as quais eu tenho a minha vivência muito íntima, muito profunda. Estas línguas constituíram a minha personalidade, constituíram a minha forma de ser, constituíram o meu jeito de pensar e sem dúvida também constituíram a minha visão de mundo. Assim que eu responderia a sua primeira pergunta.

2- Você tem afirmado, a partir das suas pesquisas, que muitos dos conceitos de Vigotski no Brasil foram traduzidos de forma equivocada, alterando inclusive todo o sentido e significado destes. No campo da educação infantil, diante de seus estudos, qual a maior problemática que você evidencia quanto aos usos equivocados, ou até mesmo, às decorrências de usos equivocados dos conceitos?

Têm vários equívocos. Um dos mais graves que eu vejo e aí não é especificamente da educação infantil. Quando a gente fala da teoria de Vigotski não podemos pinçar um conceito e separar ele completamente da unidade, ou seja, de todos os outros conceitos, porque todos os conceitos estão unidos na teoria de Vigotski. Eu diria que um dos conceitos, como já disse na minha tese, mais divulgado, mais difundido e mais infelizmente banalizado e equivocadamente traduzido e interpretado, foi o conceito de “Zona de Desenvolvimento Iminente (fala algo em russo). Porque? Porque além de ter uma tradução ruim, uma tradução que não traz, ou melhor traz uma palavra que embute algo que não existe. Como que eu poderia explicar? Essa palavrinha “proximal” (inicialmente o conceito foi traduzido para Zona de Desenvolvimento Proximal) que é uma palavra tão importante neste conceito, ela dá uma característica de “próximo”, como se este processo fosse algo “etapista”, como algo que é por etapa, algo que está e que tem que acontecer imediatamente. Tanto é que o outro

tradutor quanto traduz, traduz como “Zona de Desenvolvimento Imediato” e não é isso que Vigotski está falando. Por isso, além de trazer uma palavra ruim para a tradução, os primeiros tradutores deste conceito que são os textos que foram reunidos no livro “Formação social da mente” e que hoje é um livro que eu condeno, não tenho medo de falar isso, é um livro que para mim teve um papel e hoje não deve nem ser recomendado para leitura porque é um livro totalmente equivocado e hoje isso está sendo reconhecido inclusive mundialmente porque ele coloca palavras na boca de Vigotski. Neste livro inclusive fala de um “nível potencial” sobre o qual Vigotski nunca falou.

3- Uma de suas contribuições para compreender a obra de Vigotski tem sido em torno da “Zona de Desenvolvimento Proximal” e a “Zona de Desenvolvimento Real”. Diante dos estudos feitos fica evidente que não há dois níveis de desenvolvimento, principalmente quando eles são compreendidos como etapas ou níveis de desenvolvimento hierárquicos, por isso você prefere denominar de “Zona de desenvolvimento iminente”. Como se dá isso? Qual a diferença entre ZDP, ZDR e ZDI?

Vigotski vai dizer de uma teoria de duplo nível, Zona de Desenvolvimento Real é aquele estado quando a criança já sabe, já domina uma determinada coisa, já sabe fazer, já tem autonomia sobre o fazer. E o outro nível é a “Zona de Desenvolvimento Iminente” que está no campo das possibilidades e esse campo da zona de possibilidades é muito dinâmico, é uma zona que é imprevisível, é disto que Vigotski está dizendo. O desenvolvimento humano é imprevisível ele está no campo das possibilidades. Ninguém controla esse desenvolvimento. É um grande equívoco falar de um nível potencial, pois nos dá a impressão de que existe um nível a ser atingido e que tem que ser atingido. Vigotski não fala isso. Este outro nível (Zona de Desenvolvimento Iminente) para ele é o das possibilidades de desenvolvimento. É o que pode ou não ocorrer. Inclusive estou fazendo novas traduções, traduções de um livro maravilhoso dele onde ele vai definir desenvolvimento, coisas que eu já tenho falado. Para Vigotski regredir é desenvolvimento! Então desenvolvimento para ele não é linear. Não é numa direção crescente, não é acúmulo e quando você traduz como “proximal” e/ou como imediato, tudo isso dá um sentido de etapa, dá um sentido que vai acontecer e que é obrigatório acontecer. Então para mim tudo isso gera uma grande confusão e foi isso que aconteceu. A gente vê as pessoas falando vamos criar a zona de desenvolvimento, vamos ampliar a zona de desenvolvimento, ou se perguntam: como agir na zona de desenvolvimento? É impossível isso! A zona de desenvolvimento é dinâmica. Você pode identificar na criança a Zona de Desenvolvimento Real, mas a Zona de Desenvolvimento Iminente não. Porque assim que você descobrir essa zona ela pode ter mudado, ela mudou, ela se transforma a todo momento. Assim como o nosso

desenvolvimento não é constante. Isso que você diz na sua pergunta, ele (Vigotski) não hierarquiza esse desenvolvimento. É por isso que esta questão de diferença entre a Zona de Desenvolvimento Proximal, Zona de desenvolvimento Imediato e Zona de Desenvolvimento Iminente é importante. Eu insisto em “iminente” porque é justamente na iminência de ocorrer, pode ou não ocorrer. Pode ou não. No exemplo do que ocorre agora na Ucrânia. Está na eminência de acontecer uma guerra, mas a gente não sabe se vai acontecer. A gente torce para que não ocorra. É neste sentido que eu tento sempre buscar uma palavra que transmita melhor o que o autor quis dizer.

4) Você tem conseguido buscar a palavra certa nas suas traduções sobre a obra de Vigotski? Quais têm sido as dificuldades encontradas?

As vezes a gente não consegue encontrar uma palavra, mas eu no meu trabalho de tradução, tento sempre procurar esta palavra e tentar encontrar e isso, é claro, que no trabalho de tradução é um trabalho arqueológico, tem uma pessoa que até já me falou isso: “você faz um trabalho de arqueologia sobre os trabalhos de Vigotski”. Trabalhar com tradução, e, principalmente com a tradução dos trabalhos de Vigotski, é você descobrir o que realmente ele escreveu. Isso é importante, porque você tem muita coisa publicada e que foi deturpada no original. E isso está sendo descoberto agora. Então a gente não sabe. O que tem de original mesmo está nas mãos da família e a família que está preparando o primeiro volume e parece que este ano finalmente vai sair o primeiro e o segundo volume da obra completa que vão ter dezesseis volumes! De repente vai aparecer um Vigotski totalmente diferente para nós, um Vigotski que não conhecemos. Estamos todos ansiosos esperando. Eu tenho acordo com a neta dele de fazer a tradução desta obra e estou muito feliz por ela ter confiado a mim este trabalho, estou muito esperançosa de poder fazer isso, de poder trazer para o público brasileiro essa obra de Vigotski que é o que eu já venho tentando fazer, que é disponibilizar de uma forma mais rápida e espero que seja de uma forma bem acadêmica possível no sentido de disponibilizá-la gratuitamente para os brasileiros.

5 - No artigo publicado em 2012 com o título: L.S. Vigotski: algumas perguntas, possíveis respostas, você traz uma análise de Vigotski sobre o desenvolvimento da fala a partir da definição de Zona de desenvolvimento iminente: “E, talvez, a análise que empreende seja talvez uma das significativas para compreendermos os princípios do materialismo dialético que devem estar, segundo ele, na base da nova psicologia, pois, afirma ele, basta observar o papel que a fala exerce na infância e na vida adulta (até mesmo já na adolescência) para perceber como sua função se transforma. Se na criança a fala é

muito mais comunicativa, no adolescente ou adulto ela se transforma em um dos meios mais importantes de pensamento, um dos processos internos mais importantes que guiam o comportamento da pessoa” (Prestes, 2012, p.66). A partir dessa citação, que indicativos poderíamos extrair para pensar a linguagem, em especial a linguagem oral, nas ações e proposições educativas para a educação infantil?

Primeiro é preciso esclarecer o seguinte: muito se usou a partir da tradução equivocada do livro dele exatamente esta questão de linguagem. O livro foi traduzido como “Pensamento e linguagem” e o que ele analisa no livro que não é a linguagem. Um argumento que derruba isto e eu uso este argumento na minha tese. Vamos pensar juntos. O que é linguagem? Linguagem é muito mais ampla. Por exemplo, animais também tem linguagem. Agora a “fala”, uma fala do jeito que o humano “fala” os animais não têm. O que Vigotski analisa é a fala e não a linguagem. Isso é fundamental saber. É a fala viva. Então quando você me pergunta o que desta citação é importante para pensarmos proposições para a educação infantil? A primeira coisa é pensar que a fala não começa quando a criança pronuncia a primeira palavra, a fala começa muito antes disto: quando a criança ouve a gente falar com ela. No caso da criança que tem alguma deficiência auditiva ou visual a forma da fala dela seria diferente. Então a fala é a forma como ela vai se comunicar com o outro humano. Para mim isso já é fundamental ser pensado na educação infantil. Imagine um bebe que vai para o berçário, vai para a creche. A importância que tem o fato dos adultos que estão cuidando e educando esta criança saberem disto, a importância que tem! Porque qual é a atividade guia neste momento? Estou falando dos bebes, é a relação com o adulto e o momento onde a fala está se desenvolvendo por mais que a criança não fale...mas fala! Fala sim! E muitas vezes a criança já pronuncia a palavra com muito menos de um ano com menos de 6 meses até, tem criança que fala muito mais cedo, do que a gente acha. É preciso compreender a fala como um processo que depende do outro para existir. É uma função externalizada, uma função que nasce na relação. Pensamento e fala tem uma origem que nasce separada, não nascem juntas, mas em um determinado momento se juntam. Toda função psíquica superior surge em cena duas vezes: primeiro no campo coletivo e depois no campo individual. A fala é uma função superior e para ela surgir como função superior ela tem que surgir como uma fala comunicativa e para ela surgir como fala comunicativa ela tem que surgir no coletivo. Então você tem que falar com a criança, você tem que mostrar a fala, você tem que se comunicar com ela. A criança aprende rapidamente a usar esta fala para controlar o comportamento do outro porque o dela ela vai começar a controlar quando usar a fala egocêntrica que é o momento de transição da fala comunicativa para a fala individual. Aí que a gente vê muito bem o pensamento dialético de Vigotski.

Porque o que foi que Piaget disse sobre a fala egocêntrica? Que ela desaparece e que não tem nenhum papel importante. Vigotski vai falar que uma das contribuições mais importantes de Piaget é justamente o estudo sobre a fala egocêntrica só que, para Vigotski ela não vai desaparecer, ela vai se transformar na fala individualizada, na fala interna, que é quando a criança passa a ter o pensamento verbal. Isso é fantástico, isso é muito lindo!

6- Qual a importância da fala para Vigotski?

Vigotski analisa a fala em vários momentos. Este estudo da fala para ele foi fundamental. É muito bem estudado! Não é a toa que o “Pensamento e a fala” é o último livro que ele escreve e ele correu muito porque ele sabia que ia morrer ele pressentia a morte, ele deixa isso registrado em alguns momentos. No final da vida não conseguia escrever. Teve que contratar uma datilografa para terminar o livro. Ele termina este último livro com o capítulo: Pensamento e a Palavra de uma maneira maravilhosa. Este livro eu recomendo fortemente não da nossa tradução (risos) mas da tradução da Espanha das Obras Escolhidas que é uma tradução do russo que está editada. É fato que tem algumas coisas faltando porque foi editado na época da união soviética, tem partes lá cortadas, editadas, nomes retirados mas, pelo menos não tem tantos absurdos traduzidos como nas nossas traduções brasileiras.

7- Historicamente, no campo da Educação, é comum uma apropriação dos estudos da Psicologia para compreender a criança e seu processo de aprendizagem, no entanto, temos percebido nos últimos tempos, uma transposição aligeirada da teoria histórico cultural como/para a prática pedagógica. No campo da Pedagogia, especificamente no que se denomina de uma “Pedagogia da Infância”, que busca compreender a criança nas suas múltiplas dimensões e para tanto, por se tratar de um campo ainda em constituição, tem travado um diálogo, para além do já estabelecido com a Psicologia, com diferentes áreas do conhecimento como, a Antropologia, a Arte, a Filosofia, a Geografia, a História e a Sociologia a fim de buscar elementos para compreender mais e melhor as crianças, em especial seus contextos sociais, culturais, étnicos e de gênero para então basilar as ações e proposições educativas. Como uma estudiosa das contribuições de Vigotski o que você tem a dizer sobre esse diálogo da Pedagogia com outros campos disciplinares?

Tenho percebido que a pedagogia não é fechada. Eu considero a psicologia muito mais fechada. A pedagogia hoje, pelo menos na universidade onde eu trabalho a gente dá uma formação onde os

alunos recebem uma base filosófica, uma base sociológica, antropológica, eles têm uma formação com base nestes estudos também, obviamente que não é muito aprofundado. Eu considero muito superficial, acho que poderia ser mais denso estes estudos. O que os estudos de Vigotski têm de curioso sobre isso e é o que inclusive o que ouvimos muito, é o fato de que se referem à ele como se ele fosse um psicólogo. Apenas um psicólogo. Ele mesmo não se denominava psicólogo, ele não falava que era psicólogo, quando ele chegou em Moscou em 1924, por exemplo, convidado para trabalhar no Instituto de Psicologia e teve de preencher o formulário onde se pergunta em que campo ele seria mais útil, ele diz que é no campo de crianças defectivas, ele não fala que é no campo da psicologia e nem era considerado um campo da psicologia, era um campo da educação. Minha tendência é acreditar que ele se considerava muito mais um educador. Não sei porque é necessário atribuir a ele uma área. Até porque ele inicia sua trajetória profissional como um crítico literário, ele estudava arte. Ele volta para (gomel?) e funda uma revista com o primo dele sobre literatura. Sobre a crítica literária. Ele leva o teatro, as peças de teatro para a cidade dele, ele faz nesta época várias resenhas que nunca foram republicadas e que só agora será republicada neste trabalho que a família está preparando. Então será que o campo da crítica literária também não poderia ter algo para se apropriar dele? Só porque ele depois produziu um trabalho sobre desenvolvimento humano, na psicologia... Mas ele fala muito de pedagogia! Então eu acho muito engraçado quando os campos e principalmente o campo da psicologia se apropria do Vigotski e o chamam de psicólogo. Eu não me atreveria a denominá-lo assim. Ele assumiu tarefas que estava na ordem do dia para a educação. Por isso que ele vai beber inclusive na fonte da pedagogia que era o estudo da criança e do desenvolvimento da criança. Ele queria pensar essa nova forma de educar, essa nova criança que viveria num outro país, um país socialista, pois havia um processo revolucionário em curso e as crianças que viviam naquela época deveriam ser educadas para uma sociedade socialista. Ele foi um dos que criticou a psicologia que vigorava na época e que negavam o estudo da consciência. Ele foi o único que chegou e falou: A consciência é o que tem que ser estudado pela psicologia é o que a gente tem que estudar: a consciência. Para ele a consciência era o desenvolvimento das funções culturais humanas que ele defendia como fundamental.

8 – O estudo produzido por Vigotski, em sua opinião, não requer rótulos e categorização?

A mesma coisa com a denominação da teoria dele. Existem debates e mais debates de como se denominar a teoria dele. Ele obviamente nunca deu esse nome são nomes que vem depois e os debates certamente continuarão. Ele fala de desenvolvimento cultural da criança, outro dia eu vi um texto dele falando de condições sócio-históricas, tem coisa que ele fala, mas isso não significa que ele

está falando de teoria sócio-histórica. Então, eu acho que a gente tem que tomar cuidado em colocar palavras na boca de Vigotski. Agora o mais importante da teoria dele que é uma teoria que abre horizontes, uma teoria que abre caminhos, que abre possibilidades de estudos, tem coisas que ele indica. Imagine. Ele viveu lá na década de 20 do século passado e tem questões que até hoje a gente não respondeu e que ele já estudava e isso que é fantástico, um homem que viveu 37 anos e produziu tanto quanto ele. Isso a gente vê o quanto ele tinha consciência (isto eu me arrisco a dizer) será que ele não tinha realmente consciência da morte dele e correu para deixar algo registrado? Eu responderia você desta forma, que a teoria dele tem a contribuir com várias áreas do conhecimento. Eu por exemplo acho muito curioso as pessoas do campo da literatura, por exemplo, (vejo lá na UFF comentei inclusive com os meus alunos de letras) nunca terem estudado a “Psicologia da Arte” onde ele faz uma análise psicológica da literatura. Seria fundamental para as pessoas que estudam literatura. Só aí já temos uma contribuição dele não só na psicologia mas também da pedagogia porque neste trabalho ele vai dizer da contribuição da literatura para a atividade. Retomo agora a questão da aprendizagem, no qual você me questionou anteriormente. No Brasil falamos em aprendizagem, mas em russo se usa uma palavra que não pode ser compreendida como aprendizagem. Aprendizagem é uma palavra que não existe em russo na verdade ele fala em “atividade” e não de um processo individual de aprender. Eu diria que é esta contribuição dele para os outros campos de conhecimento.

9- Nas traduções feitas por você, há uma preocupação em diferenciar os conceitos de brinquedo, brincadeira e jogo. No Brasil, percebe-se ainda uma grande confusão em relação à compreensão e definição destes termos. Diante de seus estudos o que você pode nos elucidar sobre esses conceitos?

Existe sim uma confusão sobre estes conceitos. Bem, eu acho que fica muito claro quando a gente fala em português: brinquedo, brincadeira e jogo. O português é elucidativo nesta questão. A diferença está muito clara. O problema é que no russo há uma palavra para brinquedo, no entanto, as palavras “brincadeira” e “jogo” merecem atenção. No russo é uma palavra só. Então para você diferenciar, por exemplo, uma brincadeira de faz de conta (brincadeira de casinha) ou um jogo (de xadrez) você vai ter que entender o contexto. Não foi isso que o tradutor ao traduzir a “Formação social da mente” fez. O que estava no inglês? Play! E ele traduziu como se fosse brinquedo. O tradutor ainda coloca na primeira frase: “o brinquedo é uma atividade”. Olha o conflito! O brinquedo é uma atividade? Não soa esquisito? Quando Vigotski neste texto vai analisar esta situação ele analisa a brincadeira. Quando ele fala de jogo ele fala especificamente dos jogos e relata do que ele está

falando: de xadrez e de jogos esportivos. Vou usar um exemplo: Um aluno do Vigostisk chamado “Elkonin” escreveu o livro “Psicologia do Jogo”, mas ele não está falando só do jogo, a tradução é equivocada. Ele fala neste livro sobre a brincadeira, da brincadeira de papéis que é a análise que Vigostiki vai fazer. Porque Vigotski se preocupa com isso? Porque é na brincadeira de faz de conta na qual surge a “neo” formação. É na brincadeira que surge aquilo que não existia antes no desenvolvimento, que é a imaginação. Não existem outras brincadeiras? Existem! Mas elas não desempenham o mesmo papel que a brincadeira de faz de conta. Nem o jogo? O jogo é importante? É. Mas, o jogo ocupa o primeiro plano tal como a brincadeira? Não! Porque? Porque o jogo vai ter as regras às claras e a situação imaginária oculta. E na brincadeira isto está invertido. Isso traz uma confusão. A tradução confunde isso. É por isso que vem a discussão: a brincadeira é simbólica. A brincadeira é simbólica? Vigostiki vai dizer com todas as letras que a brincadeira não é simbólica. Comparar a brincadeira ao símbolo é a mesma coisa que você relacionar a brincadeira com um cálculo algébrico e não é isso que a criança faz. Isto está lá no texto dele. No português fica mais fácil. O que é um brinquedo: é um objeto. O que é a brincadeira? É uma atividade. Tá certo que o jogo também é uma atividade mas a brincadeira é uma atividade guia da infância que inicia lá pelos dois anos e meio vai até uns cinco, seis anos.

Aqui surge uma questão que, a meu ver, merece uma atenção. Lembrando que você tem afirmado que a teoria do V. não é etapista. Já te fiz essa pergunta pessoalmente e você na época me deu uma resposta muito convincente. Vou transpor aquela nossa conversa aqui para você pensar.

I0- Você tem afirmado diante os seus estudos sobre a obra de V. que a brincadeira só é possível a partir dos dois anos e meio. No entanto temos observado que crianças menores já brincam. Se a brincadeira é uma representação, é imaginação, é o ato criativo, podemos afirmar que crianças menores brincam. É o caso de um bebê de 8 meses que ao ver uma peça de lego imagina um telefone. Leva a peça ao ouvido e diz: “aió mamãe!” em outros momentos percebemos que a peça de lego vira um carrinho e a criança brinca fazendo movimentos de ir e vir e bulcuciando algo como se fosse um motor de carro: vrum...vrum...

Se a criança imaginou ela está brincando. Ora, é como eu falei. Não podemos colocar palavras na boca do Vigotski. Não podemos descontextualizá-lo. As crianças de hoje são diferentes daquelas da época dos estudos de Vigotski? Obviamente sim. As crianças brincam com menos de um ano? Não sei. Isso é você quem está dizendo. Não me dediquei a este estudo. É possível que sim. Afinal a teoria de Vigotski dá uma dimensão importante para as relações. Quais são as relações que as crianças têm

hoje? Quais são as possibilidades? É nisto que você tem que pensar. É esta a contribuição de Vigotski. Agora se você me perguntar se a brincadeira vai desaparecer depois? Não, nós adultos temos também a brincadeira em nós de vez enquanto, mas ela não vai assumir o mesmo papel que ela tem naquela idade. O que quero dizer é que ela não vai ser a nossa atividade guia. Digo atividade guia porque ela fica em primeiro plano e guia o nosso desenvolvimento. Ela guia o desenvolvimento das funções superiores. É uma atividade que vai estar em primeiro plano. A nossa imaginação vai estar em primeiro plano como função de guiar o nosso desenvolvimento. E com isso a gente pode voltar na questão da fala na educação infantil. Da importância da brincadeira desta atividade para a educação infantil e para o desenvolvimento da fala da criança. Uma atividade que a criança precisa ter liberdade para exercer. Estou falando de tempo, espaço e convivência que é uma atividade que traz elementos importantes de observação para um educador. Isso é importante para o desenvolvimento da fala. A criança vai brincar o tempo inteiro? Obviamente que não! Não estou falando disso, mas é preciso organizar o tempo e o espaço para que ela possa brincar. Para que a criança tenha estas POSSIBILIDADES. Hoje eu levei minha mãe para fazer uns exames e entramos num elevador de um prédio e entrou um menino que deveria ter uns dois anos, entrou com a avó. Ele entrou dizendo: “ahh hoje eu queria poder levar o brinquedo” e avó respondeu: “mas hoje não é o dia do brinquedo só amanhã”. Essas coisas que a escola faz né? Toda sexta feira é o dia de brinquedo. Tudo é regrado. Hoje é o dia de brinquedo, amanhã é o dia daquilo...|Tudo não pode. É tudo tolhido. Tem que perceber que a escola/creche hoje é o espaço coletivo das crianças, é onde elas se encontram. As crianças urbanas estão afastadas das ruas e onde elas se encontram? Convivem? São estes espaços. Onde elas vão trocar, compartilhar coisas? E estes espaços não permitem. Isso me preocupa, porque queira ou não se a gente for pensar infelizmente a escola contribui também para este certo individualismo.

|| - Também no artigo publicado em 2012 com o título: *L.S. Vigotski: algumas perguntas, possíveis respostas*, você traz o seguinte: “Então, é na brincadeira que a criança desenvolve sua imaginação, suas possibilidades de criar, mas é nela também que toma consciência das regras da vida social e, se é um campo de liberdade para as crianças, para nós, adultos, a brincadeira é um campo fértil para observações e não de ensinamentos morais” (Prestes, 2012, p. 68). A brincadeira, embora tenha sido muito divulgada como possibilidade para o desenvolvimento infantil, é ainda muito negligenciada pelos professores pelo fato de não compreenderem de fato a sua concretude. Para além dessa contribuição da brincadeira como campo fértil para os professores de educação infantil o que mais você poderia nos indicar, para a elaboração de uma proposta pedagógica da educação infantil?

Já falei sobre isso na questão anterior. O que eu digo muito é que ainda hoje as professoras estão com medo das brincadeiras das crianças. É claro! Temos que observar a brincadeira das crianças. Eu fiz uma pesquisa em duas escolas e o nosso objetivo da pesquisa não era a brincadeira era outro tema, mas no nosso questionário tinha uma pergunta que era assim: “em qual momento no horário em que as crianças estão na escola elas podem se reunir espontaneamente em grupos sem a professora indicar à criança o grupo com quem ela irá ficar”. A resposta foi: “só na brincadeira. Na brincadeira as crianças estão livres”. Outra pergunta era: Quando elas podem brincar? E a resposta foi: “só 15 minutos de manhã e só 15 minutos de tarde”. Veja só você! 30 minutos. Outra pergunta era: “O que vocês estão fazendo quando elas brincam?” Normalmente as professoras estão recortando alguma coisa, ou estão conversando, mas elas nunca estão observando as crianças. Elas só participam da brincadeira se acontecer algum conflito. E pior? Que normalmente observa a brincadeira nestes espaços? Ou é um inspetor ou é uma estagiaria ou uma auxiliar que está observando as crianças na brincadeira. Na maioria das vezes não é a professora. E foi o que eu falei da brincadeira. Ela (a brincadeira) dá muitos elementos para o trabalho pedagógico. Ela (a brincadeira) mostra inclusive as vivências das crianças, não estou falando que ela apenas é reprodução do que as crianças vivem, é sim reprodução, mas não é SÓ reprodução, jamais! É ali também que ela está expressando a sua imaginação, ela está criando com a imaginação dela. E Vigotski fala isso. Ela está reproduzindo a mãe dela? A “mãe” que ela cria é a mãe dela? É uma mãe! Que ela criou na cabeça dela. Mas têm elementos da mãe dela? É obvio que sim, mas têm também elementos da mãe do vizinho pode ter também a mãe que ela leu numa história, pode, claro que pode. Por isso não podemos entender como uma reprodução. Isto está mais do que provado. Mas o quê seria então? A brincadeira é imaginação. Você já percebeu que as crianças não gostam da nossa presença em suas brincadeiras. Mas às vezes elas nos convidam? Acredito que não podemos adentrar em suas brincadeiras de modo incisivo, temos que participar, mas devemos “respeitar” e seguir as regras da brincadeira. Muitas vezes o adulto quer é mandar na brincadeira, mas se a gente adentrar na brincadeira conseguiremos perceber o mundo das crianças. Aprenderemos a desenvolver, a compartilhar mais, começaremos a ter mais intimidade com estas crianças, a ter mais proximidade. Precisamos ter mais acolhidas com as crianças da educação infantil. É isso que a gente precisa. É evidente, que somos adultos, e por isso somos responsáveis por esta geração e se nós não desenvolvermos esta relação de compartilhamento com as crianças é difícil até avaliar, avaliar no sentido verdadeiro, avaliar o desenvolvimento das crianças, avaliar para ver as possibilidades que demos a elas para o seu desenvolvimento. Avaliar aquilo que possibilitamos às crianças. Como organizamos o ambiente de desenvolvimento das possibilidades? Porque nós somos responsáveis por isso, isso nós somos. Somos responsáveis por este ambiente social de desenvolvimento. Como professores e como adultos. Não podemos negligenciar nenhum momento

e o mais importante é ao invés de ficarmos mantendo as crianças permanentemente em atividades (propostas vazias) que é o que a gente vê nas escolas (Lê-se uma história e as crianças têm que fazer um desenho), e quer que a criança aprenda a dominar suas funções. Saber conviver, isto é muito mais importante. Ter uma confiança entre você e as crianças e as crianças entre elas. Isso é muito mais importante do que qualquer conteúdo que você venha a passar para elas. Muito mais importante do que qualquer conteúdo que seja exigido dela ou que seja exigido pela secretaria de educação porque essa relação de confiança vai possibilitar infinitas coisas, vai possibilitar um desenvolvimento infinito. Porque essa confiança vai gerar algo que a desconfiança não gera.